



ADEUS EDIFÍCIO VELHO: O INÍCIO DA VERTICALIZAÇÃO NOS BAIRROS ALDEOTA E MEIRELES (FORTALEZA - CEARÁ) E A DEMOLIÇÃO DOS EDIFÍCIOS DOS ANOS 1950 A 1970

Gleilson Angelo da Silva¹

Resumo: O processo de verticalização na cidade de Fortaleza – Ceará ocorreu no centro histórico e se estendeu para a orla. Nos bairros Aldeota e Meireles houve uma concentração significativa e hoje possuem um dos metros quadrados mais caros da cidade. Os objetivos são analisar o início da verticalização, identificando os primeiros edifícios categorizando-os a partir do nome. Os procedimentos metodológicos foram divididos em: Levantamento bibliográfico e documental, coleta de dados secundários e catalogação de edifícios, produção de material cartográfico e quadros. A demolição dos primeiros edifícios ocorreu pela valorização do solo, esgotamento de terreno e pela pressão do mercado imobiliário, juntamente com antigas sedes de clubes à beira-mar no qual foram identificados durante a pesquisa.

Palavras-chave: Edifícios. Verticalização. Toponímia. Espaço.

GOODBYE OLD BUILDING: THE BEGINNING OF VERTICALIZATION IN THE ALDEOTA AND MEIRELES NEIGHBORHOODS (FORTALEZA - CEARÁ) AND THE DEMOLITION OF BUILDINGS FROM THE 1950s TO THE 1970s

Abstract: The process of verticalization in the city of Fortaleza – Ceará took place in the historic center and spread to the waterfront. In the Aldeota and Meireles neighborhoods there was a significant concentration and today they have some of the most expensive square meters in the city. The objectives are to analyze the beginning of verticalization, identifying the first buildings and categorizing them by name. The methodological procedures were divided into: Bibliographic and documentary survey, collection of secondary data and cataloging of buildings, production of cartographic material and charts. The first buildings were demolished due to land appreciation, land exhaustion and pressure from the real estate market, along the former headquarters of seaside clubs, which were identified during the research.

Keywords: Buildings. Verticalization. Toponymy. Space.

ADIÓS AL EDIFICIO ANTIGUO: EL INICIO DE LA VERTICALIZACIÓN EN LOS BARRIOS DE ALDEOTA Y MEIRELES (FORTALEZA - CEARÁ) Y LA DEMOLICIÓN DE EDIFICIOS DE LOS AÑOS 50 A 70

Resumen: El proceso de verticalización de la ciudad de Fortaleza - Ceará tuvo lugar en el centro histórico y se extendió hacia el frente marítimo. En los barrios de Aldeota y Meireles hubo una concentración significativa y hoy poseen algunos de los metros cuadrados más caros de la ciudad. Los objetivos son analizar el inicio de la verticalización, identificando los primeros edificios y categorizándolos por su nombre. Los procedimientos metodológicos se dividieron en: Prospección bibliográfica y

¹ Universidade Federal do Ceará, Departamento de Geografia, Fortaleza, Ceará, Brasil, angelo.prof.ufc@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-3823-7110>.

documental, recopilación de datos secundarios y catalogación de edificios, elaboración de material cartográfico y gráficos. Los primeros edificios fueron demolidos como consecuencia de la revalorización del suelo, el agotamiento del mismo y la presión del mercado inmobiliario, junto con las antiguas sedes de los clubes del frente marítimo, que se identificaron durante la investigación.

Palabras clave: Edificios. Verticalización. Toponimia. El Espacio.

Introdução

Este artigo é uma parte da tese do autor, especificamente o tópico 4.2.1 do capítulo 4 que tratou sobre os edifícios nos bairros Aldeota e Meireles, localizados na porção norte de Fortaleza – Ceará. Neste, foram dissertados o processo de verticalização na orla da cidade e a construção dos primeiros edifícios à beira-mar e como as leis e os planos diretores, juntamente com a articulação de alguns agentes produtores do espaço, permitiram a construção de edifícios cada vez mais altos iniciando uma série de transformações que transformam a paisagem e supervalorizam o espaço nesta porção da cidade.

Alguns temas foram tratados e merecem destaque nesta introdução como forma de apresentar ao leitor alguns pontos que serão discutidos. No que diz respeito à verticalização, Silva (2023) menciona que quando este processo iniciou nas principais cidades brasileiras alterou a morfologia urbana das mesmas, sua malha, o uso do solo e dos terrenos quanto às quadras e valorização de áreas pela construção civil. Mendes (1992) explica que a verticalização é um processo de (re)produção do solo urbano, uma forma de apropriação do capital, relacionado à habitação e que com o auxílio das inovações tecnológicas, modificou a paisagem urbana. Compreender este processo requer entender o contexto (social, político, econômico, cultural) em que determinada cidade estava inserida quando os primeiros edifícios foram construídos.

Para Souza (1994) a verticalização se materializa no espaço como uma estratégia do capital, seja ele financeiro, imobiliário ou fundiário, como resultado da multiplicação do solo urbano, passando a cidade ocupar áreas até então rurais, mas

que, por meio da legislação urbanística fora incorporado ao perímetro urbano e marcando um processo intenso de valorização do solo impulsionado pelo mercado imobiliário. Esta verticalização, de acordo com Garrefa e Guerra (2011), iniciou no final do século XIX a partir da invenção do concreto armado e do elevador, tendo as cidades de Chicago e Nova Iorque (Estados Unidos) como as pioneiras e, no Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo. Entender as escalas dos processos (global e local) é de fundamental importância para compreender como os edifícios tornam-se elementos presentes na paisagem e formam um *skyline*, termo em inglês que significa uma espécie de assinatura urbana que representa o modo de crescimento da cidade a partir das formas verticais (Kostof, 1991).

O espaço urbano aparece nesta pesquisa como um dos conceitos que auxiliam na compreensão do fenômeno, de forma que a localização apresenta-se como uma grande importância para aqueles que possuem os meios de produção. Os processos e as transformações ao longo do tempo tal como os investimentos em determinadas áreas da cidade, valorizaram áreas e contemplaram somente uma parcela do espaço, tornando-os privilegiados tanto para o consumo quanto para o lazer, por exemplo, a partir da instalação de uma infraestrutura e rede de serviços (Amaral, 2007). Silva (2023) explica que, quando há uma investigação sobre a produção do espaço urbano, perpassa por uma série de fatos e fenômenos que dinamizam e ao mesmo tempo segregam. Dentro do processo de verticalização, a percepção é mais nítida, visto que a alteração do *skyline* da cidade é o resultado de vários processos acumulados no decorrer do tempo, resultando na configuração da paisagem que se apresenta a partir da construção de edifícios.

A relação entre espaço urbano e os edifícios decorre da própria forma como aquele é (re)produzido a partir da articulação entre os agentes formadores e modeladores. O edifício, para Dourado e Araújo Sobrinho (2020), baseado nas ideias de Ramires (1998b) e Carvalho (2008), é o objeto geográfico que consegue congregar um conteúdo técnico e não pode ser compreendido como algo isolado da cidade, mas como parte integrante de um sistema espacial. A forma é uma solução arquitetônica para alguns problemas do contexto urbano no que tange à circulação, ocupação do

lote, mas também tenta atender a critérios funcionais como os de cunho mercadológico, econômico, tecnológico, estético, dentre outros, obedecendo a uma legislação urbanística.

A verticalização em Fortaleza ocorreu no início do século XX e se acentuou na segunda metade deste século, primeiramente no Centro e depois na orla da capital. Assim como em outras cidades, a concentração de edifícios tornou-se significativa na porção norte equivalente aos bairros mencionados (Aldeota e Meireles), como parte do processo de ocupação da zona leste a partir dos anos 1940, com a chegada das famílias mais abastadas e a construção de casarões, palacetes e bangalôs, sendo posteriormente, substituídos por edifícios residenciais. Borges (2006) aponta que o processo de verticalização foi o resultado de uma série de transformações pelo qual Fortaleza passou desde o final do século XIX, tornando-se uma das cidades mais importantes do Ceará. O cultivo do algodão foi um dos grandes desencadeamentos das intervenções urbanas na como objetivo de embelezar a cidade ainda baseado num pensamento de um urbanismo monumental e embelezador. A expansão do perímetro urbano a partir dos anos 1920, permitiu a habitação de vários bairros, inclusive a Aldeota e o atual Meireles onde estavam localizadas chácaras e palacetes, além de clubes. Tavares (2022) aponta que a integração entre o litoral e a cidade se desenvolveu de forma lenta e gradual por meio da abertura de novas vias, mas ainda desprovido de infraestrutura consolidada se comparada ao Centro. A escolha pela Aldeota e Meireles ocorreu pela quantidade significativa de edifícios que foram inaugurados entre as décadas de 1950 e 1970 e também foram os primeiros a serem demolidos numa nova fase de verticalização.

Outro ponto que foi destacado em relação à discussão dos temas foi o da Toponímia, do grego *topos* = lugar e *onoma* = nome, ou seja, a ciência que estuda os nomes dos lugares cuja finalidade é apreender elementos que formam as palavras a partir dos estudos entrecruzados de várias ciências e ramos do conhecimento (Carvalhinhos, 2001; Vincent, 1947). Assim sendo, o estudo do nome dos lugares foi adaptado para os edifícios de forma que, identificou elementos pertinentes à

verticalização materializados na forma de edifícios, mas também relacioná-los aos seus respectivos nomes.

É importante salientar que, os topônimos estão sujeitos às alterações do tempo de forma que quando um nome é elencado, nele estão imbricados aspectos culturais e espirituais dos povos compreendendo os sentidos denominativos e testemunham a presença do homem na terra com as mudanças ocorridas durante o tempo (Dick 1990a; Quijada, 1985). A tipologia dos topônimos deriva dos vestígios da escrita e fonética, sendo basilar para assimilar o modo de formação dos nomes, pois muitas vezes é necessário compreender os motivos que levaram esta ou aquela denominação para, a partir disso, justificar a escolha do nome. A motivação é o estudo de vários pesquisadores em busca da identificação das transformações ocorridas pelos diferentes agentes, como no caso dos logradouros e a formação dos topônimos ocorrem por meio dos signos toponímicos (Silva, 2023; Carneiro, 2007).

O artigo está divido da seguinte forma: Introdução, procedimentos metodológicos, recorte espacial, temporal e fonte de dados, o desenvolvimento contendo os seguintes tópicos:

- A Toponímia, a formação de topônimos e a classificação taxonômica de Dick (1990b);
- A verticalização caminha para o litoral;
- Adeus edifício velho: o desaparecimento dos antigos edifícios e o aparecimento dos super prédios;
- E os nomes dos edifícios? A diversidade toponímica dos empreendimentos. Além disso, ainda há as considerações finais e, por fim, as referências.

Procedimentos metodológicos

Este tópico apresenta os procedimentos metodológicos, ou seja, o trajeto percorrido para alcançar os objetivos e os resultados esperados do estudo. A pesquisa

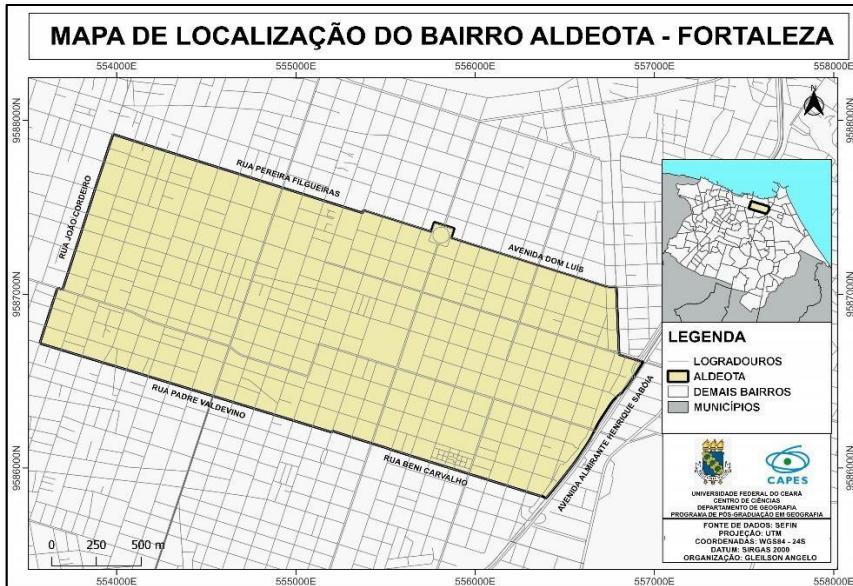
é identificada como documental e explicativa com uma abordagem metodológica quali- quantitativa, buscando analisar os fenômenos, relacionando-os com conceitos e processos para uma melhor abordagem e explicação das transformações para com o objeto de estudo. Os registros fotográficos foram obtidos pelo *Street View*, uma vez que, no período da escrita alguns edifícios já tinham sido demolidos. Porém, as imagens mais antigas são de 2012, possibilitando o resgate destes. Os demais foram registrados por meio de trabalhos de campo.

Recorte espacial, temporal e fonte de dados

Como foi mencionado, a pesquisa tem como recorte espacial dois bairros de Fortaleza: Aldeota e Meireles. A Aldeota (Figura 1) localiza-se ao norte da capital alencarina e possui como limites, ao norte: rua Pereira Filgueiras – rua Tibúrcio Cavalcante – Avenida Dom Luís; A leste: rua Frei Mansueto – avenida Santos Dumont – avenida Almirante Henrique Sabóia (Via Expressa); Ao sul: rua Beni Carvalho – rua Padre Valdevino e a oeste: rua João Cordeiro – avenida Heráclito Graça².

² Disponível em: <https://bairros.fortaleza.ce.gov.br/bairro/aldeota>. Acesso em: 29.ago.2025.

Figura 01 – Localização do bairro Aldeota – Fortaleza (Ceará).



Fonte: Silva (2023).

Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75778>. Acesso em: 14.out.2025.

De acordo com o site 121 Bairros de Fortaleza³, o nome do bairro decorre ao diminutivo de aldeia, como referência a um aldeamento indígena que estavam às margens do riacho Pajeú. Sua população é de 42.580 habitantes, de acordo com o Censo do IBGE de 2022; possui um IDH de 0,800 – 1 considerado Muito Alto; conta com 37.086 unidades habitacionais, com 675 condomínios e cerca de 11.485 edificações, sendo 49% de unidades residenciais.

O Meireles (Figura 2) localiza-se ao norte da capital alencarina e possui como limites, ao norte: rua Pereira Filgueiras – rua Tibúrcio Cavalcante – Avenida Dom Luís; A leste: rua Frei Mansueto – avenida Santos Dumont – avenida Almirante Henrique Sabóia (Via Expressa); Ao sul: rua Beni Carvalho – rua Padre Valdevino e a oeste: rua João Cordeiro – avenida Heráclito Graça⁴. O nome tem origem no sobrenome toponímico português, a quinta de Meireles, em Trás-os-Montes, comarca da Torre de Moncorvo, porém, de acordo com o site 121 bairros de Fortaleza, não há uma explicação com o motivo para a escolha.

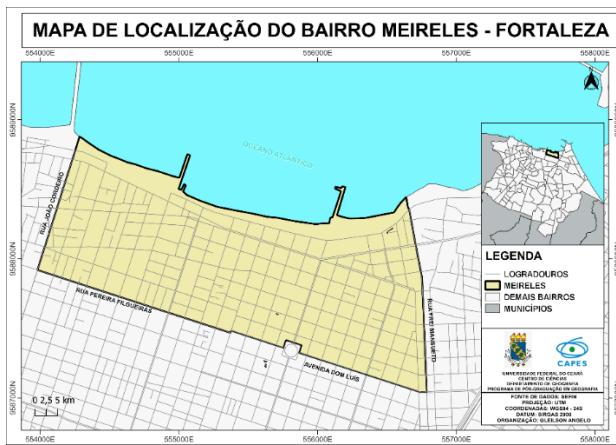
O grande marco para o desenvolvimento do bairro decorreu da inauguração da Avenida Beira-Mar que impulsionou a urbanização, acelerada pela ação conjunta de vários agentes produtores do espaço que perpassa pela questão do lazer, do uso dos

³ Disponível em: <https://bairros.fortaleza.ce.gov.br/>. Acesso em: 29.ago.2025.

⁴ Disponível em: <https://bairros.fortaleza.ce.gov.br/bairro/meireles>. Acesso em: 29.ago.2025.

espaços públicos e, posteriormente, pela especulação imobiliária. Possui uma população de 38.374 habitantes, de acordo com o IBGE de 2022; possui um IDH de 0,800 – 1 (Muito Alto); contando com cerca de 28.355 unidades habitacionais e 737 condomínios, tendo uma porcentagem de lotes habitacionais de 80,43%.

Figura 02 – Localização do bairro Meireles – Fortaleza (Ceará).



Fonte: Silva (2023).

Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75778>. Acesso em: 14.out.2025.

O recorte temporal escolhido foi o período entre 1950 e 1970 para compreender o início da verticalização nos dois bairros, uma vez que, é desta época boa parte dos edifícios que foram demolidos a partir do avanço do mesmo processo intensificado no início dos anos 2010 inaugurando uma nova fase da verticalização – quando há a demolição de edifícios de até três pavimentos ou mais para a construção de arranha-céus ou super prédios com trinta e cinco pavimentos ou mais. Para isto, o método regressivo-progressivo de Lefèvre (Ortigoza, 2010) foi utilizado para partir do processo ou fenômeno recente que apaga uma marca na paisagem construída no passado. Assim, foi possível compreender a demolição de antigas formas para a construção de novas e caracterizando uma supervalorização do solo com a construção de edifícios cada vez mais altos.

A fonte de dados secundários foi obtida a partir do site: Infraestrutura de Dados Espaciais da SEFIN (Secretaria de Finanças de Fortaleza)⁵. Estes dados foram: ano de inauguração do edifício, quantidade de pavimentos, tipo de uso (residencial, comercial, misto ou transitório), padrão de acabamento (econômico, simples, médio,

⁵ Infraestrutura de Dados Espaciais da SEFIN – PMF. Disponível em: <https://ide.sefin.fortaleza.ce.gov.br/>. Acesso em: 29.ago.2025.

superior, luxo e fino), quantidade de elevadores e quantidade de unidades habitacionais por andar. Para além dos dados da SEFIN que possibilitaram a construção de um material cartográfico, houve a pesquisa em outras fontes como: Anuários, almanaque, jornais, artigos, livros, dentre outros. Com os dados obtidos, além do material cartográfico, houve a construção de quadros de gráficos que resumissem o maior número de informações relativas aos edifícios para que estas fossem melhor aproveitadas no estudo e pudessem apresentar um panorama acerca das transformações e processos descritos.

A Toponímia, a formação de topônimos e a classificação taxonômica de Dick (1990b)

Os estudos sobre toponímia datam do final do século XIX. Sendo parte da Onomástica, ou seja, a ciência que estuda os nomes próprios, a toponímia é categorizada como uma subdivisão que estuda os nomes próprios (Antropotopônimos) e os nomes de lugar em si (topônimos). Está contida na Lexicografia que estuda as palavras da língua, sendo uma das ciências do léxico dentro da Linguística. Carneiro (2007) e Dick (1990b), apontam vários autores que estudaram este tema na segunda metade do século XIX, como: *Étude sur la signification des noms de lieu en France* (Houzé, 1864); *De la formation française des anciens noms de lieu* (Quicherat, 1867); porém, enquanto corpo disciplinar sistematizado, apareceu somente na obra *Les noms de lieu de la France* (Longnon, 1920).

Além da França, obras de autores de outros países contribuíram para a compreensão dos nomes de lugares, tais como: *Geografiecheskie nazvanya stram mira: Toponimicheskyi slovar* (Pospelov, 1998), da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS); *Breve dicionário de topônimos españoles* (Ballester, 1997), com influências pré-romanas, latino-românicos, árabes e germânicos; *Opúsculos* (Vasconcelos, 1931), de Portugal; *Toponomástica Italiana* (Pellegrini, 1990), dentre outros.

No Brasil, Sousa e Dargel (2020) apontam algumas obras importantes: *O Tupi na Geografia Nacional* (Sampaio, 1901); *Toponímica Brasílica* (Cardoso, 1961); *Contribuições do Bororó à toponímica Brasília* (Drumond, 1965); *Topônimos amazonenses – nomes das cidades amazonenses* (Mello, 1967). Porém, o destaque foi para a tese intitulada *A motivação toponímia: Princípios teóricos e a modelos taxonômicos* de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick que virou livro intitulado *A motivação toponímia e a realidade brasileira* (1990a), tornando-se uma referência. Segundo a autora, os topônimos estão sujeitos às alterações no tempo pelas mudanças nos aspectos sociais e culturais dos povos, sendo essencial compreender os sentidos denominativos. Quijada (1985) aponta que os topônimos são testemunhas do homem na terra e suas mudanças são o resultado de mudanças e transformações. Os prefixos e sufixos utilizados para a formação dos nomes podem revelar processos pretéritos, fragmentos de línguas antigas e vestígios de uma escrita e fonética que já não exista mais, sendo substituída, aglutinada ou alterada ao longo do tempo.

Dick (1990b) explana que a classificação dos topônimos ocorre da seguinte forma: *simples*, constituídos por um formante (substantivo ou adjetivo, por exemplo) com sufixações (diminutivos ou aumentativos), como em *Choró* e *Chorozinho*. Há aqueles acrescidos por um sufixo cuja relação geográfica ocorre da seguinte forma: -lândia (*land*, no sentido de terra), -polis (no sentido de cidade de) e -burgo (vilarejo), tendo como exemplos: Hidrolândia (Ceará), Quiterianópolis (Ceará) e Luísburgo (Minas Gerais). Os topônimos *compostos* preservam a sufixação indígena ou aglutinação, resultando nas terminações -mirim (pequeno); -guaçu, -açu ou uçu (grande); -tyba, -tuba, -nduva, ndiba (coletivo), tendo como exemplos: Ituguaçu-PE (salto grande), Ipaumirim-CE (lagoa pequena); Aricanduva-MG (abundância de aricangas, espécie de palmeira típica da região). Os topônimos *híbridos* possuem origens diferentes como indígena+portuguesa (Santana do Cariri-CE, por exemplo).

Ainda de acordo com Dick (1992), a Toponímia possui um caráter multidisciplinar mantendo diálogos com a Geografia, a História, a Antropologia, a Biologia, a Psicologia, a Zoologia, a Botânica, a Arqueologia, dentre outros. Com base

nisto, Dick (1990b) apresentou um quadro taxonômico, dividido em vinte e oito *taxes*, entre natureza física e antropocultural, classificando os topônimos.

Quadro 01 – Taxonomias de natureza física e antropocultural.

Taxonomia	Definição	Exemplos
Acronimotopônimo	Acrônimo (palavra formada pela inicial ou por mais de uma letra de cada um dos segmentos de locução): abreviações e siglas, por exemplo.	D'Jon, Apstudio, Helbor My Way Abolição, J. Studio
Animotopônimo ou Nootopônimo	Vida psíquica, cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano.	Meireles e DM 210 Next. Legacy Condominium e Connect
Antropotopônimo	Nomes próprios individuais: prenomes, hipocorísticos, prenome + alcunha, apelidos de família.	Beira-Mar. Barbosa de Freitas, Meireles, Salomão, Lucas e Genipo Fernandes.
Astrotopônimo	Corpos celestes em geral.	Sol do Atlântico, Aquarius e Netuno.
Axiotopônimo	Títulos e dignidade acompanhados de nomes próprios.	Reis Magos, Dom Miguel e Coronel Leocádio.
Cardinotopônimo	Posições geográficas em geral.	Estrela do Norte e Aldeota Sul.
Corotopônimo	Espaços territoriais, como municípios, províncias, territórios, cidades, países, estados, regiões e continentes.	Saint-Tropez, Fenícia, Nice, Flórida, Las Palmas, Zurique, Veneza e Granada.
Cromotopônimo	Referente a cor.	Esmeraldina e Black Stone Park.
Cronotopônimo	Indicadores cronológicos.	Classic Residence, New Port, Millenium Personal Space.
Dimensiotopônimo	Acidentes geográficos: extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura e profundidade.	Grand Palais, Esplanada, Magna Praia Hotel e Grand Place.
Dirrematopônimo	Frases ou enunciados linguísticos e expressões cristalizadas.	Maranata, Ivimarai, Kayrós e Terra Brasilis.
Ecotopônimo	Habitação de modo geral.	Mansão Macedo, Pallazzo Residence e The Loft Praia.
Ergotopônimo	Cultura material do homem.	Saveiros, Grand Vernissage e Catamarã.
Etnotopônimo	Grupos étnicos individuais ou não, como povos, tribos, castas e/ou famílias.	Guarani, Royal Dansk, Potiguara, Flamengo e Savassi.
Fitotopônimo	Espécie vegetal.	Forest Park, Jaibaras, Lotus e Jequitibá.
Geomorfotopônimo	Formas topográficas: elevações ou depressões de terreno, formações litorâneas, dentre outras.	Praia Mansa, Enseada do sol, Enseada de Iracema e Monte Fiori.
Hidrotopônimo	Acidentes hidrográficos em geral.	Maresias Residence, Ocean Way Residence e Acqua Condomínio.
Hierotopônimo	Nomes sagrados de diferentes crenças;	Condomínio Domo.
Historiotopônimo	Movimentos de cunho histórico e social e fatos ou personalidades históricas.	Aquidabá Praia Hotel e Renaissance Condominium.
Hodotopônimo	Vias de comunicação rural ou urbana.	Street Mall e Boulevard Silvana.

Litotopônimo	Índole mineral e constituição do solo, como barro, barreiro e outro.	Cristal IX, Itamaraty, Aquamarine e Piatã.
Meteorotopônimo	Fenômenos atmosféricos.	Equatorial Trade Center e Brisa do Mar Residence.
Morfotopônimo	Formas geométricas.	Círculo Place.
Numerotopônimo	Numerais.	Center Um, Quinta Avenida e D8 Hotel Express.
Poliotopônimo	Aglomerado populacional como vilas, cidades, dentre outros.	Tour Ville, The Place, Hotel da Vila e Villagio del Mare.
Sociotopônimo	Atividades profissionais, locais de trabalho e pontos de reunião.	Atrium, Port Belini, Piazza Coliseu e Plaza de Anibal.
Somatopônimo	Expressões metafóricas relativas a partes do corpo humano ou de animal.	Asa Sul.
Zootopônimo	Animais.	Colibri, Parque Stella Maris, Plancton e Jatiúca.

Fonte: Dick (1990b); Silva (2017). Adaptado por Silva (2023).

A relação entre os topônimos e os lugares é estabelecida a partir das suas relações, de modo que, as primeiras denominações surgiram a partir da leitura daqueles que moravam em determinado local. Dick (1980) afirma que essas nomeações ocorreram por meio do papel que os estilos de vida diferentes e seus vestígios foram revestidos por um ou vários significados traduzidos em forma de códigos linguísticos diversos e empregados nos lugares. Assim sendo, os nomes de lugares são resultados de todos estes processos. Quando há uma interferência, ou seja, quando um nome de lugar é alterado por outra pessoa ou grupo há uma perda significativa da essência toponímica de modo que a nova denominação não consegue traduzir e nem caracterizar determinado lugar por não reunir os elementos que a antiga denominação trazia.

Os nomes dos edifícios foram pensados de forma diferente, de modo que, há uma série de fatores que incidiram sobre a escolha dos mesmos, tais como: memória, publicidade, marketing, status, contextos históricos, sociais e econômicos, por exemplo. Da escolha do nome até a sua tipografia⁶ tudo perpassa por um conjunto de ideias e valores que são empregados e querem repassar uma mensagem entre o idealizador e o receptor. Assim sendo, Silva (2023) mostra que o sentido do nome e a sua interpretação perpassa por uma leitura da própria cidade, do lugar, do conceito empregado, da identidade visual, da estética, dentre outros elementos que configuram

⁶ Tipografia, na nomenclatura correta, é a **impressão dos tipos** (como são conhecidas as fontes). Porém, como a maior parte da escrita hoje é feita digitalmente, esse significado caiu em desuso e passou a **abrange todo o estudo, criação e aplicação dos caracteres, estilos, formatos e arranjos visuais das palavras**. Disponível em:

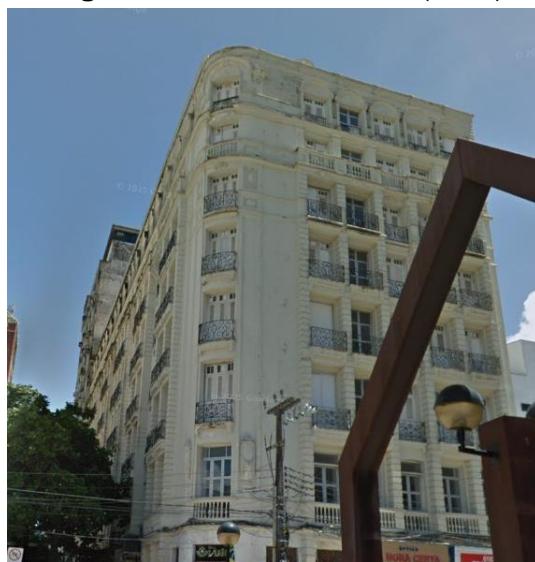
<https://rockcontent.com.br/blog/tipografia/#:-:text=Tipografia%20%C3%A9%20o%20estudo%2C%20ria%20%C3%A7%C3%A3o,composi%C3%A7%C3%A3o%20visual%20de%20um%20texto.> Acesso em: 29.ago.2025.

este conjunto. A sua materialização ocorre por meio da marca que envolve: símbolos, signos, formas, cores e tipos que expressam e resumem as ideias que só são efetivadas devido o forte investimento em publicidade para que a conexão lógica entre produto e marca se consolide no mercado.

A verticalização caminha para o litoral

A verticalização iniciou no Centro de Fortaleza concentrando edifícios durante as quatro primeiras décadas do século XX. Este período coincide com a chamada *Belle Époque* (1860 - 1930) termo utilizado por Ponte (2014) para caracterizar um período de intensas transformações e mudanças pelo qual Fortaleza passou devido à concentração de funções decorrentes da exportação do algodão com o objetivo de embelezar e higienizar a cidade por meio da construção de lazaretos, asilos, hospitais, teatros, logradouros, cafés, jardins, o advento do bonde, da iluminação a gás, a fotografia, dentre outros (Borges, 2006). Silva (2023) aponta que a partir dos anos 1920 houve uma expansão e um crescimento demográfico decorrente do êxodo rural. Porém, isto causa uma repulsa por parte da elite que não se contentava em estar próxima à população menos abastada e decide transferir-se para bairros próximos como Jacarecanga (anos 1920), Benfica (anos 1930) e Aldeota (anos 1940). É neste contexto que o último bairro mencionado se desenvolve, de forma que a abundância de terrenos possibilitou a construção de bangalôs, palacetes entre outras residências, pois os lotes eram maiores e permitiam um recuo maior que os lotes do Centro, por exemplo. É deste período que o primeiro arranha-céu da capital foi inaugurado, em 1931, o Excelsior Hotel, como aponta Silva (2024). Com oito pavimentos, destacou-se na paisagem com seu estilo eclético e tecnologia que incluía a utilização de elevadores (Figura 3). Ainda de acordo com o autor, o nome *Excelsior* significa: grandioso, majestoso, incrível, superior, dentre outras traduções derivadas do latim. Assim, compreendemos o emprego de um termo em língua estrangeira como status para nomear um edifício.

Figura 03 – Excelsior Hotel (1931).



Fonte: Arquivo Pessoal.

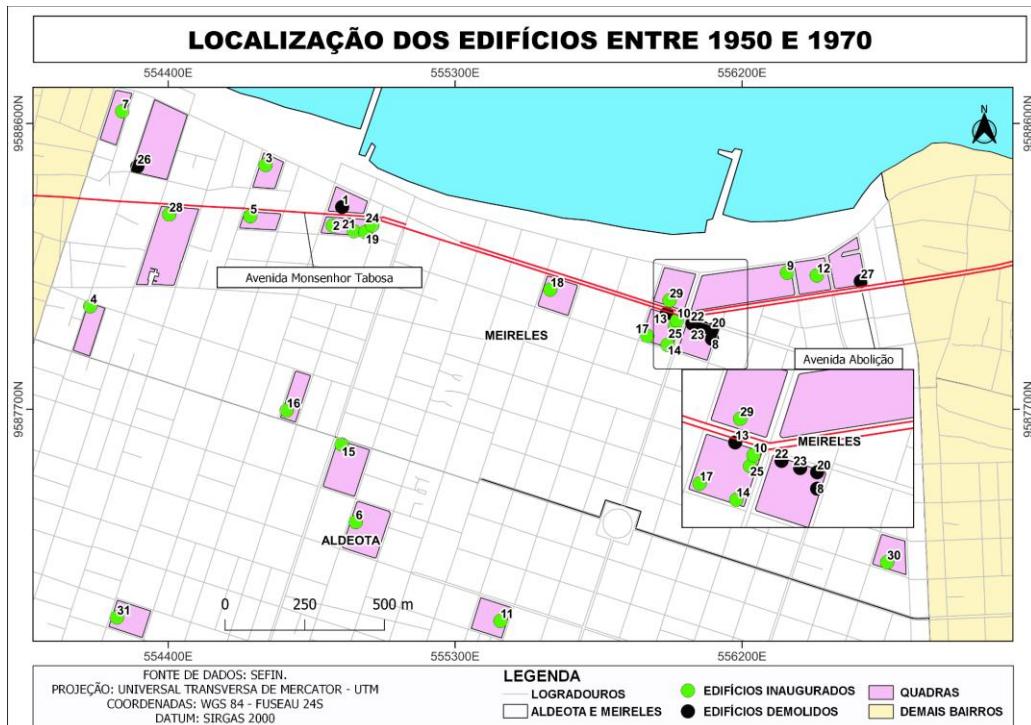
O deslocamento da elite (já mencionado) contribuiu para o desenvolvimento de outras centralidades e é neste contexto que o litoral tornou-se alvo para esta parcela da população com a construção de bangalôs à beira-mar como segunda residência. Paralelamente, a instalação ou a transferência de clubes para os atuais bairros de Meireles e Aldeota iniciaram um processo de consolidação destas áreas. A escolha, de acordo com Tavares (2022), ocorreu por fatores como: contato com o mar como forma de lazer e veraneio, expansão das áreas de práticas marítimas, integração entre o litoral e a zona central facilitada pelas ações do poder público como meio de facilitar o acesso. Dentre estas ações podem ser citadas: O código de Obras e Posturas (1932), O Plano Diretor para Remodelação e Extensão de Fortaleza (1947) e a criação do Código Urbano (1950).

Cada um contribui para a compreensão da forma como os edifícios foram construídos, sobretudo no que diz respeito às áreas permitidas e à altura, sendo que, na década de 1950, a altura máxima era de três pavimentos e posteriormente, aumentou para doze. É nesta década que datam os primeiros edifícios como o Dona Bela (final dos anos 1940 e início dos anos 1950) e Iracema Plaza (1951). No Código de 1950, como apontava Cavalcante (2017), havia novidades em seu texto como a

regulação das portarias (destinadas a vigias, porteiros e demais empregados do edifício) e a regulação da garagem, localizada junto ao edifício principal, incorporando o automóvel ao espaço privado, como forma de adensamento dos lotes nos edifícios multifamiliares.

A inauguração do Iracema Plaza Hotel no Edifício São Pedro é um marco da ocupação do litoral e do setor hoteleiro, sendo o primeiro hotel à beira-mar antes da era da avenida de mesmo nome que foi inaugurada nos anos 1960. Por muitos anos foi o hotel mais luxuoso nesta área e sendo o pioneiro a desempenhar função residencial e comercial na praia com o famoso restaurante Panela. Foi desativado nos anos 1970 e demolido em 2024. Entre os anos de 1950 e 1970 foram inaugurados trinta e um edifícios, dos quais oito foram demolidos. O foco deste artigo são os edifícios demolidos, mas os demais não foram relegados de forma que, contam a história imobiliária da capital cearense. Boa parte destes possui (ou possuía) três ou quatro pavimentos. A figura 4 mostra a localização dos edifícios construídos e inaugurados entre as décadas de 1950 e 1970.

Figura 04 – Localização dos edifícios inaugurados entre 1950 e 1970.



Fonte: SEFIN. Elaborado por Silva (2023).

Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75778>. Acesso em: 14.out.2025.

Os pontos verdes condizem com os edifícios que foram inaugurados e que ainda (re)existem, enquanto que os pontos pretos simbolizam os edifícios que foram demolidos. Observa-se que boa parte dos edifícios foram construídos próximos às avenidas Monsenhor Tabosa e Abolição, tornando-as um vetor de expansão na orla e denotando o sentido Praia de Iracema – Mucuripe, onde o novo porto da cidade fora construído e inaugurado nos anos 1940.

O Quadro 2 mostra a relação dos edifícios construídos e inaugurados entre os anos de 1950 e 1970.

Quadro 02 – Edifícios construídos entre os anos de 1950 e 1970.

Nº	NOME	ANO	BAIRRO	PAVIMENTOS	USO	CONSTRUTORA/ IMOBILIÁRIA	PADRÃO DE ACABAMENTO	ELEVADORES	UNIDADES POR ANDAR
1	São Carlos	1954	Meireles	4	Res	Jereissati Ltda.	-	-	-
2	São José	1954	Meireles	4	Res	Jereissati Ltda.	Médio	-	5
3	Deodato	1959	Meireles	3	Res	-	Médio	-	2
4	Celiza's Hotel	1961	Meireles	2	Trans	-	Médio	-	3
5	Hotel Coimbra	1961	Meireles	6	Res	-	Médio	-	4
6	Jangada	1961	Aldeota	1	Res	-	Simples	-	12
7	Tabajara	1961	Meireles	3	Res	-	Simples	-	4
8	Jaraguá	1961	Meireles	3	Res	-	Médio	-	2
9	Hotel Beira Mar	1961	Meireles	10	Trans	Grupo Ary	Médio	3	10
10	Lúcia	1963	Meireles	3	Res	-	Médio	-	6
11	Santos Dumont	1964	Aldeota	4	Res	-	Médio	-	2
12	Jacqueline	1964	Meireles	10	Res	José Alcy Siqueira Ltda.	Médio	2	20
13	Cibele	1964	Meireles	2	Res	-	Médio	-	2
14	Leontina	1965	Meireles	4	Res	-	Médio	-	2
<i>Pereira</i>									
15	Filgueiras 1956	1965	Aldeota	4	Res	-	Médio	-	5
16	Romano	1965	Meireles	3	Res	-	Médio	-	2
17	Simone	1966	Meireles	3	Res	-	Médio	-	2
18	Iguas Marinhas	1966	Meireles	4	Res	-	Médio	-	5
<i>Antonele</i>									
19	Bezerra 303	1967	Meireles	3	Res	-	Médio	-	2
20	Jurema	1967	Meireles	4	Res	-	Médio	-	3
21	Ideal Praia Hotel	1968	Meireles	7	Trans	-	Médio	-	2
22	Califórnia	1968	Meireles	3	Res	-	-	-	-
23	Flórida	1968	Meireles	3	Res	-	-	-	-
24	Antônio Lima 1700	1969	Meireles	3	Res	-	Médio	-	1
25	Nadja	1969	Meireles	3	Res	-	Médio	-	2

26	Iracema Residencial	?	Meireles	2	Res	-	Médio	-	2
27	Regente	1970	Meireles	3	Res	-	Médio	-	2
28	Mariana	1970	Meireles	4	Res	-	Médio	-	2
29	Ellery	1970	Meireles	8	Misto	Pero Coelho Ltda.	Médio	2	8
30	Geneve Bloco A	1970	Meireles	6	Res	-	Médio	-	3
31	Falanga	1970	Aldeota	2	Res	-	Médio	-	2

Fonte de dados: SEFIN. Elaborado por Silva (2023).

Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75778>. Acesso em: 14.out.2025.

No Quadro 2 é possível observar a relação completa dos edifícios destacados na figura 6, sendo possível observar que boa parte possui três ou quatro pavimentos. Nele também está descrito o uso de cada edifício, sendo classificado pela própria SEFIN como: Residencial (Res), Transitório (Trans) e Misto, no qual o transitório, como o próprio nome diz refere-se ao uso em trânsito voltado para o setor hoteleiro, enquanto que o misto possui o uso comercial no térreo e residencial nos demais pavimentos. Os edifícios que estão em negrito referem-se aos que foram demolidos. A escassez de dados sobre as construtoras é devido a vários fatores: empresas que não existem mais e poucas informações sobre as construtoras; os dados levantados por meio da SEFIN não informaram as empresas responsáveis pela construção, recorrendo a anuários e outras fontes para identificar.

O padrão de acabamento Simples diz respeito às edificações residenciais com três ou mais pavimentos que são dotados ou não de elevador contendo um hall de entrada e corredores com acabamento simples. Os pisos são de cerâmica simples, vinílico, taco ou forração. O padrão Médio é dotado de áreas comuns com acabamento de padrão médio contendo guarita e apartamentos de zelador, em alguns edifícios. Os pisos podem ser de taco, carpete de madeira ou acrílico, além de cerâmicas ou placas de granito. Estas classificações foram baseadas nos estudos realizados pelo Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de Engenharia de São Paulo – IBAPE/SP, lançado em 2017. De acordo com Silva (2023), o material denominado *Valores de edificações de imóveis urbanos*⁷, apresenta as tipologias construtivas dos apartamentos e a escolha por este material foi devido à sua explicação e exploração do tema.

É notável que apenas três edifícios possuem elevadores: Hotel Beira Mar, Jacqueline e Ellery, justamente os três mais altos da época. Embora altos, é

⁷ IBAPE/SP. Valores de edificações de imóveis urbanos. Disponível em: <https://www.ibape-sp.org.br/adm/upload/uploads/1543595741-VEIU%202017.pdf>. Acesso em: 29.ago.2025.

interessante observar que nesta época a quantidade de pavimentos permitida era de oito de acordo com o Código Municipal de 1962, de forma que aumentou somente em 1979 por meio do Plano Diretor Físico de Fortaleza / LUOS (1979), sendo permitido doze. Porém, dois edifícios já estavam dois pavimentos acima, o Hotel Beira-Mar e Jacqueline.

O edifício Jacqueline foi um dos símbolos de modernidade na capital alencarina, uma vez que, foi um dos primeiros a oferecer apartamentos do tipo quarto-e-sala e sua localização propiciou a ocupação da orla até então com poucos edifícios altos. Ficou conhecido como *Jaquequé* ou *Balança mas não cai*⁸, sendo um dos representantes da década de 1960. Silva (2023), explica sobre as construtoras e imobiliárias presentes no quadro 2, de forma que a Imobiliária Jereissati Ltda, foi fundada em 1947 como Companhia Imobiliária e Agropecuária Jereissati, da família de mesmo nome, possuindo a finalidade de expansão imobiliária do grupo. A firma J. A. Siqueira, de 1943, de propriedade de José Alcy Siqueira atuou no comércio da exportação tanto de couros e peles como da cera de carnaúba quando, em 1955, passou a atuar como incorporador, com o lançamento de vários edifícios que se tornaram conhecidos da cidade como o Jalcy Avenida, o Jalcy Metrópole e o Jalcy Beira-Mar (demolido ainda inacabado em 1994).

A Construtora Pero Coelho Ltda., criada em 1967, surgiu da transformação da firma Pero Coelho de Araújo em Construtora. Daí vieram alguns edifícios conhecidos da cidade como o Ellery, o Seixas, o C. Rolim, o Terezinha e daí por diante (Sampaio e Costa, 1972).

Para esta área também foram instaladas as sedes de clubes que foram importantes para o processo de ocupação da orla, de forma que os esportes náuticos e banhos de mar passaram a ser cada vez mais valorizados. Para além disso, estes equipamentos promoviam inúmeras atividades a partir da década de 1950 como bailes de carnaval, concursos de *misses*, aniversários de sócios, *réveillon*, dentre outras festividades que atraiu pessoas das classes mais abastadas da sociedade, como aponta Pontes (2005).

⁸ Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2012/01/balanca-mas-nao-cai.html>. Acesso em: 29.ago.2025.

Embora boa parte dos clubes estivessem localizados próximos à orla, alguns estavam mais distantes, como no caso do Clube Iracema (1947) e do Ceará Country Club. Assim, é possível inferir o teor de expansão para além da orla, visando interiorizar esta urbanização, da mesma forma que há a presença de edifícios inaugurados neste período que estavam distantes do eixo mencionado. Os clubes foram transferidos à medida em que esta área da cidade tornava-se cada vez mais valorizada. De acordo com Pontes (2005), os clubes tinham o seu papel na sociedade como um controle rígido social, uma vez que, eles só permitiram em suas dependências as pessoas que constavam no seu quadro de sócios e ao nível comportamental visto que tinham o dever de manter o decoro e as exigências de civilidade dos frequentadores. A instalação dos clubes para recreação e eventos sociais, dos palacetes para moradia, das segundas residências para lazer e dos edifícios para habitação fizeram com que os vários agentes (re)produtores do espaço se articulassem para instalar uma infraestrutura que aos poucos tornava um lugar ermo e distante da cidade cada vez mais próximo à Fortaleza.

Dos onze clubes que ali estavam instalados, oito já foram demolidos: Clube Jangada, Comercial Clube, Centro Massapeense, Clube dos Diários, AABB (figura 8), Clube Líbano Brasileiro (figura 9), Clube Iracema e Ceará Country Club. Apenas três permanecem no mesmo lugar: Círculo Militar, Ideal (figura 10) e Náutico (figura 11). O Ideal Clube se instalou no Meireles ainda no final dos anos 1930, enquanto que o Náutico foi transferido para o Meireles em 1944 e o Clube dos Diários, em 1956.

A razão pela qual estes clubes foram demolidos foi o reflexo da dinâmica que Meireles e Aldeota passaram e continuam passando no que diz respeito à mudança no uso do solo e a sua supervalorização, causando a destruição de antigas formas para a construção de novos edifícios mais altos e modernos. O primeiro a desaparecer foi o Comercial Clube (1948 – 2000), depois o Clube Líbano (1947 – 2022), o Clube dos Diários (1956 – 2006) e o Clube Massapeense (1950 – 2007). Rufino (2012) aponta que esta substituição de formas é decorrente do capital estrangeiro ampliado e direcionado para a produção de imóveis através dos investimentos e parcerias com empresários locais e fundos de investimentos, tal como a atuação como incorporador.

Os principais beneficiários dessas transações foram as filiais de grupos hoteleiros internacionais, empresas de investimento imobiliário, incorporadoras e construtoras, principalmente.

Adeus edifício velho: o desaparecimento dos antigos edifícios e o aparecimento dos super prédios

Como mencionado anteriormente, dos edifícios inaugurados entre os anos de 1950 e 1970, oito foram demolidos e neste tópico eles serão mencionados. Este desaparecimento coletivo faz parte de uma série de transformações no mercado imobiliário que culminaram no esgotamento de terrenos na Aldeota, Meireles e outros bairros próximos à orla da Beira-Mar e resultou na demolição de edifícios com poucos pavimentos sendo substituídos por grandes arranha-céus. Estes super prédios surgiram a partir de instrumentos urbanísticos como a Outorga Onerosa do Direito e Construir, “consistindo na compra do índice urbano excedente até o valor máximo permitido pela lei e no Plano Diretor de 2009” (Silva, 2023, p. 326) e a Outorga Onerosa de Alteração do Uso do Solo, de 2015, que altera o nível máximo e a altura permitida do empreendimento, além do avanço dos recuos, mediante o pagamento de um determinado valor.

Assim, pela localização privilegiada os edifícios Cibele, São Carlos, Jurema, Jaraguá, Califórnia, Flórida, Iracema e Regente foram demolidos. Para obter a imagem destes edifícios, houve a utilização da ferramenta do *Google Earth* chamada “ver mais datas” que apresenta os mesmos lugares em determinados anos, sendo possível resgatar a imagem dos edifícios antes da sua demolição. O edifício Cibele (figura 5) foi um dos primeiros a serem inaugurados na avenida da Abolição e também um dos primeiros a serem demolidos, entre 2013 e 2014. Ele era predominantemente residencial e possuía um estabelecimento no térreo, o Restaurante Goiano (figura 6).

Figura 05 – Edifício Cibele em 2012.

Fonte: Google Earth.

Figura 06 – Estacionamento (2024).

Fonte: Arquivo Pessoal.

O edifício São Carlos (figura 7), localizava-se na avenida Monsenhor Tabosa, um dos eixos de urbanização e verticalização da orla, foi demolido em 2017. Possuía dois pavimentos e se destacava por uma pintura do filme Casablanca. O atual edifício (São Carlos Condominium) (figura 8) possui o mesmo nome do antigo, como uma forma de contrapartida pela construção na propriedade da família Jereissatti, uma vez que havia a referência a Carlos Jereissati, empresário e político, pai do senador Tasso Jereissati. Este novo empreendimento faz parte da geração de arranha-céus, sendo inaugurado em 2023, composto por uma torre com trinta e cinco pavimentos, sendo trinta pavimentos com um apartamento por andar.

Figura 07 – Edifício São Carlos em 2012.

Fonte: Google Earth.

Figura 08 – São Carlos Condominium (2024).

Fonte: Arquivo Pessoal.

Próximo dos edifícios mencionados, outros quatro foram demolidos para a construção de dois super prédios. No quarteirão seguinte estavam localizados o

Jurema (figura 9), o Jaraguá (figura 10), o Califórnia (figura 11) e o Flórida (figura 12), sendo todos pertencentes à primeira geração de edifícios próximos à orla.

Figura 09 – Edifício Jurema em 2012.



Fonte: Google Earth.

Figura 10 – Edifício Jaraguá em 2012.



Fonte: Google Earth.

Figura 11 – Edifício Califórnia em 2012.



Fonte: Google Earth.

Figura 12 – Edifício Flórida em 2012.



Fonte: Google Earth.

Os edifícios demolidos possuíam características semelhantes que datam a sua construção: poucos pavimentos e a presença da varanda como no Califórnia e no Flórida. Aquele foi o primeiro a ser demolido, em 2014 e os demais foram demolidos entre 2017 e 2019. No terreno dois super prédios estão sendo construídos: O *Acqualina* (figura 13) no lugar do Jurema e do Jaraguá e o *Edge* (figura 14) no lugar do Califórnia e do Flórida. Interessante observar a semelhança do tipo de nomenclatura. Jaraguá e Jurema são plantas e Califórnia e Flórida são estados dos Estados Unidos. Esta discussão será retomada adiante.

Quanto aos novos edifícios, o design e a tecnologia são as marcas que compõem estas novas formas que estão alterando a paisagem. O *Acqualina*, com previsão de inauguração em 2025, possui quarenta e nove pavimentos com quarenta “pavimentos tipo” ou seja padrão, com o mesmo desenho. O *Edge Condominium* (ainda em construção) com quarenta e seis pavimentos, foi o primeiro a anunciar o *skydrive*, o elevador para automóveis.

Figura 13 – Edifício Acqualina (2024).



Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 14 – Edge Condominium (2024).



Fonte: Arquivo Pessoal.

O Iracema Residencial (figura 15) foi considerado um dos edifícios de maior valor histórico de Fortaleza, uma vez que, inaugurado nos anos 1960, possuía traços da arquitetura modernista da capital. Com apenas dois pavimentos, ele começou a ser desocupado por determinação da Construtora Idibra ainda em 2015 e, mesmo com alguns pedidos de tombamento e contando com um abaixo-assinado por arquitetos, músicos, artistas, dentre outros, ele foi demolido em 2021 (Silva, 2023).

Figura 15 – Iracema Residencial em 2012 e 2023.



Fonte: Arquivo Pessoal.

O último edifício mencionado é o Regente (figura 16), possuindo o mesmo padrão que os demais (dois pavimentos com varandas), localizava-se um pouco mais distante que os mencionados, mas ainda no eixo da avenida da Abolição e sendo um dos últimos a serem construídos do recorte temporal, datado de 1970. Sua demolição ocorreu entre os anos de 2020 e 2021 e em seu lugar foi construído o edifício Sabatini (figura 17), inaugurado em 2024, contendo uma única torre com vinte e três pavimentos no total, sendo vinte pavimentos tipo (padrão). Interessante observar que tanto o Sabatini, quanto o São Carlos e o Acqualina são da Normatel Incorporações, pertencente ao grupo empresarial Normatel com mais de trinta e cinco anos de atuação no mercado imobiliário.

Figura 16 – Edifício Regente (2019).



Fonte: Google Earth.

Figura 17 – Edifício Sabatini (2024).



Fonte: Arquivo Pessoal.

Quanto a nomenclatura dos edifícios será abordada no próximo tópico que compõe a terceira e última parte deste artigo. Observa-se que o nome também

acompanha algumas tendências como nomes de pessoas, plantas, lugares, dentre outras, e isto está refletido também na nomenclatura dos novos arranha-céus que adotam palavras de língua estrangeira, seja do inglês, do latim, do italiano para se destacarem perante os demais empreendimentos, mas também denotar o poder do nome enquanto marca que está direcionado para um público específico com condições de comprar uma unidade com até cinco vagas de garagem por apartamento, por exemplo.

E os nomes dos edifícios? A diversidade toponímica dos empreendimentos

Quanto aos nomes dos edifícios, é de fundamental importância atentar pela forma como foram classificados. Compreender o período em que foram construídos e inaugurados condiz com algumas ideias e valores que podem ter sido utilizados para nomear edifícios. Por meio da classificação toponímica de Dick (1990b) apresentada no quadro 1, Silva (2023) classificou os nomes pesquisando edifício por edifício o significado chegando ao quadro 3 que apresenta esta classificação.

Quadro 03 – Classificação toponímica e significado entre os anos de 1950 e 1970.

NOME	TOPÔNIMO	SIGNIFICADO
São Carlos	Hagiotopônimo	Referente aos santos e santas do hagiólógio romano.
São José	Hagiotopônimo	Referente aos santos e santas do hagiólógio romano.
Deodato	Antropotopônimo	Nome de pessoa.
Celiza's Hotel	Antropotopônimo	Nome de pessoa.
Hotel Coimbra	Corotopônimo	Cidade portuguesa onde localiza-se a Universidade de Coimbra, fundada em 1290.
Jangada	Ergotopônimo	Conjunto de peças de madeira atadas umas às outras que formam uma prancha flutuante, usada para transportar pessoas, mercadorias, animais etc.
Tabajara	Etnotopônimo	Indígena pertencente aos Tabajaras.
Jaraguá	Fitotopônimo	A <i>Hyparrhenia rufa</i> é uma erva da família das gramíneas, nativa de regiões tropicais da África e utilizada como forragens para bovinos no Brasil.
Hotel Beira Mar	Geomorfotopônimo	Região costeira; litoral; praia; borda-mar. Zona que fica entre a linha de ação das ondas e o contorno do litoral.
Lúcia	Antropotopônimo	Nome de pessoa.
Santos Dumont	Antropotopônimo	Alberto Santos Dumont (Palmira, 1873 - Guarujá, 1932). Aeronauta, esportista, autodidata e inventor.
Jacqueline	Antropotopônimo	Nome de pessoa.

Cibele	Antropotopônimo	Nome de pessoa.
Leontina	Antropotopônimo	Nome de pessoa.
Pereira Filgueiras 1956	Antropotopônimo	José Pereira Filgueiras (Bahia, 1758 - 1824). Caudilho dos sertões nordestinos e capitão-mor do Crato.
Romano	Etnotopônimo	Cidadão de Roma.
Simone	Antropotopônimo	Nome de pessoa.
Águas Marinhas	Hidrotopônimos	Referente aos acidentes hidrográficos em geral.
Antonele Bezerra 303	Antropotopônimo	Antônio Antonele de Castro Bezerra (1894-1926). Professor da Faculdade de Direito.
Jurema	Fitotopônimo	A <i>Pithecellobium tortum</i> é uma árvore da família das leguminosas, subfamília mimosoideae, nativa do Brasil (do Pará ao Rio de Janeiro).
Ideal Praia Hotel	Animotopônimo ou Nootopônimo	Relativo à vida psíquica, a cultura espiritual, dentre outros.
Califórnia	Corotopônimo	O 31º estado dos Estados Unidos.
Flórida	Corotopônimo	O 27º estados dos Estados Unidos.
Antônio Lima 1700	Antropotopônimo	Antônio da Silva Lima (1849-?). Despachante da alfândega.
Nadja	Antropotopônimo	Nome de pessoa.
Iracema Residencial	Mitotopônimo	Referente à personagem-título do romance de José de Alencar.
Regente	Sociotopônimo	Aquele que rege, governa ou dirige.
Mariana	Antropotopônimo	Nome de pessoa.
Ellery	Antropotopônimo	Sobrenome de família.
Geneve Bloco A	Corotopônimo	Genebra é a capital do Cantão homônimo – Suíça.
Falanga	Ergotopônimo	Tábua encerrada ou engraxada utilizada como rampa de lançamento para barcos de madeira.

Fonte de dados: Dicionário de ruas de Fortaleza⁹. EBiografia¹⁰. Elaborado por Silva (2023).

Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75778>. Acesso em: 14.out.2025.

As taxonomias permitiram observar a variedade de nomenclatura existente nos edifícios construídos e inaugurados entre 1950 e 1970, uma vez que, o nome exprime um sentido, um significado e a palavra traduz o pensamento, as ideias e os valores que os proprietários dos empreendimentos pretendiam ao nomeá-los. Nome de pessoas, de santos, sobrenomes de família, nomes de cidades ou de países, plantas, acidentes hidrográficos ou formas geomorfológicas, tal como qualidades, nomes de objetos comuns ao cotidiano fazem parte deste universo toponímico.

Apesar da palavra e do significado, a intenção também pode ser levada em consideração para com a nomeação dos edifícios, como no caso de São Carlos, que homenageia o proprietário do terreno. A introdução do termo São eleva o sentido de

⁹ Dicionário de ruas de Fortaleza. Disponível em: <https://www.instagram.com/dicionarioderuasfortaleza/>. Acesso em: 29.ago.2025.

¹⁰ EBiografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/>. Acesso em: 29.ago.2025.

importância de tal pessoa, assim como alguns títulos de nobreza que destacam algumas personalidades da sociedade perante outras.

Os nomes de pessoas são variáveis, podendo estar atrelados aos nomes de familiares do proprietário como homenagem a alguém próximo ou conhecido da família, o patriarca ou matriarca, enfim, as possibilidades são muitas. Outros já se utilizam do endereço para nomear os edifícios como no caso de Pereira Filgueiras 1956, Antonele Bezerra 303 e Antônio Lima 1700 e que voltou a ser tendência haja vista alguns edifícios altos em Fortaleza que se utilizam do endereço para a sua nomenclatura.

As grandes personalidades independentes da escala (regional ou nacional), os nomes de outras cidades e estados (já mencionados), a identidade cultural como em Tabajara e Iracema, além da utilização da paisagem como Beira-Mar, Águas Marinhas, Falanga, Jangada, Jurema e Jaraguá, formam o contexto toponímico de utilização do próprio ambiente para denominar os empreendimentos.

Observa-se que 45,2% referem-se aos antropotopônimos, ou seja, o nome de pessoas; seguido por 12,9% de corotopônimos, como nomes de cidades, países ou regiões; 6,5% de ergotopônimos, que estão ligados à cultura material do homem como ferramentas e objetos; 3,2% de santos e santas (hagiotopônimos); espécies vegetais como as plantas mencionadas (fitotopônimos); animotopônimos ou nootopônimos que estão ligados às qualidades, cultura, vida psíquica do ser humano; os etnotopônimos que são os grupos étnicos ou gentílicos; os geomorfotopônimos representados por formas topográficas; os mitotopônimos que simbolizam os seres míticos em geral e hidrotopônimos que são os acidentes hidrográficos.

Interessante analisar que, dos nomes de pessoas, 46,4% são mulheres (Mariana, Nadja, Simone, Leontina, Jacqueline, Cibele, Lúcia e Celiza) figurando como boa parte dos nomes que foram dados aos edifícios deste período. Dentre os corotopônimos, não houve menção às cidades ou estados brasileiros, estando presentes dois estados dos Estados Unidos (Califórnia e Flórida) e cidades europeias (Coimbra e Genebra). Percebe-se uma influência estrangeira, mas que não é

predominante haja vista se comparado as décadas seguintes e com o emprego de termos como *maison*, *terrace*, *place*, *palace*, *palazzio*, *condominium*, dentre outros.

Considerações finais

Entre os anos de 1950 e 1970 houve muitas transformações na cidade de Fortaleza, uma vez que, é o período da industrialização via SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), com os incentivos fiscais, potencializando as relações comerciais, dentre outros recursos trazidos por meio de parcerias entre os governos estadual e federal, de forma que neste período foram aprovados cerca de cento e doze projetos para o Ceará, mas setenta e dois estavam localizados em Fortaleza, apontando a disparidade de desenvolvimento econômico entre a capital e o interior. Nisso, as migrações e as injustiças sociais do campo, tal como o acesso às terras agrícolas por boa parte da população deixou nas mãos de poucos latifundiários o controle e a gestão das terras. A capital absorvia boa parte da mão de obra nas mais variadas linhas de produção de acordo com o aparecimento de empreendimentos a serem construídos nas áreas pertencentes aos atuais bairros da Aldeota e Meireles, tornando-se um dos principais pólos da construção civil. É neste período também que a capital tem a sua população triplicada, saindo dos 270 mil habitantes na década de 1950 para 850 mil na década de 1970.

Este aumento no contingente populacional ocasionou uma série de problemas que se perpetuam até a atualidade, pois a política de desenvolvimento não foi suficiente para controlar a explosão por demanda de emprego e moradia, pois a cidade não tinha estrutura para absorver tal aumento populacional como houve em duas décadas, sendo agravada com as grandes secas. É desta época também a criação do plano de Hélio Modesto, de 1963, que tentou resgatar ideias de um plano anterior que não foi aprovado (Sabóia Ribeiro nos anos 1940) e desenvolver algumas ações na zona central da cidade, além de propor quatro zonas residenciais, com base no nível de renda. Assim como o de Sabóia, o de Hélio também não saiu do papel em sua totalidade, mas algumas ações previstas foram realizadas, como a abertura da

avenida Beira-Mar (1963), a Perimetral (1965) e a construção da nova rodoviária, João Thomé (1973).

A abertura da avenida Beira-Mar foi fundamental e impactou a dinâmica da orla fortalezense, pois a articulação entre proprietários de terrenos e o poder público houve a inauguração do primeiro trecho estratégico que valorizou os terrenos que tinham acesso à avenida. Os clubes também se beneficiaram pela facilidade de acesso de seus sócios por meio desta nova artéria. Inaugurada como Avenida Getúlio Vargas, ela foi mudada para Presidente Kennedy, mas o termo “Beira-Mar” acabou vigorando na denominação oficial. Os edifícios a partir dos anos 1970 começaram a ser construídos quase que à beira-mar e nas ruas adjacentes aos eixos de verticalização. A EBC (Empresa Brasileira de Construções), o BNH (Banco Nacional de Habitação) e o SFH (Sistema Financeiro de Habitação) consolidaram o mercado imobiliário, com o aparecimento de empreendimentos de luxo, embora este último tenha sido criado para diminuir as disparidades do contexto da habitação, logo ele foi incorporado ao circuito imobiliário privado.

A instalação da Escola de Engenharia (1956) e da Escola de Arquitetura (1964) trazem de volta alguns profissionais que foram trabalhar em outros estados, como Liberal de Castro, Marrocos Aragão, Roberto Vilar de Queiroz, Enéas Botelho, Neudson Braga, Luís Aragão e Ivan da Silva Brito, tendo a possibilidade de formar novos profissionais no Ceará. Como resultado, a introdução de novas técnicas na construção, houve a realização de vários projetos e o surgimento de novos edifícios que figuraram nas décadas seguintes aos anos 1960.

Muitos foram os fatores que fizeram da Aldeota e Meireles uma nova centralidade: a inauguração do primeiro shopping center, o Center Um, tendo um forte apelo publicitário para atrair um público para um espaço fechado, haja vista que as lojas do Centro da cidade ainda figuravam como o principal destino dos fortalezenses. Além disso, houve uma descentralização dos poderes que estavam reunidos no Centro, como: O Palácio da Luz (sede do governo), deslocado para o Palácio da Abolição, no Meireles; A Câmara Municipal que foi deslocada para o bairro Luciano Cavalcante; A Assembleia Legislativa que foi para o bairro Dionísio Torres e o fórum

Clóvis Beviláqua que foi para o bairro Edson Queiroz. A Prefeitura, que saiu para o bairro Vila União, foi o único poder que voltou ao Centro e está instalado no Palácio do Bispo, atrás da Catedral Metropolitana. O Center Um foi apenas o pontapé inicial para a criação de uma nova centralidade, logo depois foram instaladas agências bancárias, escritórios, consultórios médicos, lojas de grife, dentre outros que, de forma gradativa, tornou os bairros cada vez mais elitizados e um grande mercado para os promotores imobiliários.

O panorama toponímico revelou inúmeras frentes de denominação que percorre escalas e culturas como também revela uma interdisciplinaridade pela diversidade de significados: Biologia, Geografia, Antropologia, História, dentre outros campos da ciência que auxiliam no entendimento e na compreensão dos nomes baseados na Toponímia. Estes empreendimentos iniciaram o processo de verticalização com suas formas e funções inovadoras, mas que não resistiram ao tempo e, sobretudo, ao mercado imobiliário que apagaram os vestígios de um passado e sua memória só é possível visualizar por meio de fotos e meios digitais como pode ser observado.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, M. B. do. **Limites e possibilidades:** A relação edifício / cidade na avenida Paulista. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- BALLESTER, E. N. **Breve dicionário de topónimos españoles.** Madrid: Alianza, 1997.
- BORGES, M. S. **Quarteirão sucesso da cidade:** O Art Decó e as transformações arquitetônicas na Fortaleza de 1930 e 1940. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- CARDOSO, A. L. **Toponímica brasílica.** Biblioteca do exército editora, 1961.
- CARNEIRO, J. P. J. A. **A morada dos Waxipana – Atlas toponímico da região indígena da Serra da Lua – RR.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

CARVALHO, J. P. de. **A tipologia dos edifícios de apartamentos e sua relação com o tecido urbano da cidade** – Um estudo de suas transformações nos últimos 40 anos. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

CARVALHINHOS, P. de J. Aplicações da teoria dos signos da Onomástica. **Revista Língua e Literatura**, n. 27, 2001, p. 301-311.

CAVALCANTE, L. F. **Análise da interface público-privado nas regulações urbanas de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2017.

DICK, M. V. De P. do A. **A motivação topográfica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, M. V. De P. do A. **Toponímia e Antropônimia no Brasil**. Coletânea de estudos, 2. Ed. São Paulo: FFLCH/Universidade de São Paulo, 1990b.

DICK, M. V. De P. do A. Tratamento lexicográfico topográfico do Estado de São Paulo. In: **Anais do VII Encontro Nacional da Anpoll**. Porto Alegre, 1992, p. 675-678.

DOURADO, J.; ARAÚJO SOBRINHO, F. L. A. Entre a forma e o produtor do edifício: O processo de verticalização urbana em Valparaíso de Goiás, Brasil. **Terra Plural**, v. 14, Ponta Grossa, 2020, p. 1-20.

DRUMOND, C. **Contribuição do Bororó à Toponímia Brasílica**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros (Universidade de São Paulo), 1965.

GARRERA, F.; GUERRA, E. A. Adoção de parâmetros para a verticalização em Araxá, MG. **Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 2, n. 6, 2011, p. 135-147.

HOUZÉ, A. P. **Étude sur la signification des noms de lieu de France**. France: Ve. Henáux, 1864.

KOSTOF, S. **The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History**, Thames & Hudson. New York, US, 1991.

MELLO, O. de. **Topônimos amazonenses** – nomes de cidades amazonenses. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1967.

MENDES, C. M. **O edifício no jardim, um plano destruído: A verticalização de Maringá**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992.

ORTIGOZA, S. A. G. As possibilidades de aplicação do método regressivo- progressivo de Henri Lefèvre na Geografia Urbana. In: GODOY, P. R. T. De. **História do pensamento**

geográfico e epistemologia da geografia. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 157-184.

PELLEGRINI, G. B. **Toponomastica italiana:** 10.000 nomi di città, paesi, frazioni, regioni, contrade, monti spiegati nella loro origine e storia. Milano: Hoepli, 1990.

PONTE, S. R. **Fortaleza Belle Époque:** Reforma urbana e controle social 1860-1930. 5. Ed. Fortaleza: Edições Demócrata Rocha, 2014.

PONTES, A. M. de F. **A cidade dos clubes:** Modernidade de “glamour” na Fortaleza de 1950-1970. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

POSPELOV, E. **Geografiecheskie nazvanya stram mira:** Toponimicheskyi slovar: Svyshe 5000 ednits [Geographic names of World's Countries: Toponymical: More than 5000naming units]. Moscow, AST, 1998.

QUICHERAT, J. **De la formation française des anciens noms de lieu.** France: Bibliothéque de l'école des Chartes, 1867.

QUIJADA, A. S. **La toponimia en Venezuela.** Ed. Universidad Central de Venezuela, 1985.

RAMIRES, J. C. de L. **A verticalização do espaço urbano de Uberlândia:** Uma análise da produção e consumo da habitação. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998b.

RUFINO, M. B. C. **Incorporação da metrópole:** Centralização do capital no imobiliário e nova produção do espaço em Fortaleza. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SAMPAIO, T. **O Tupi na geografia nacional.** Memória lida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo: Typographia da Cada Clectiva, 1901.

SAMPAIO, D.; COSTA, L. da. **Anuário do Estado do Ceará – 1971.** Fortaleza: Stylus, 1972.

SILVA, J. P. da. Elementos da terminologia topográfica. **Cadernos do CNLF**, v. XXI, n. 3. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2017, p. 691-701.

SILVA, G. A. da. **O céu é o limine na capital alencarina?** A Geografia topográfica dos edifícios nos bairros Aldeota e Meireles em Fortaleza – Ceará. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

SILVA, G. A. da. O edifício tem nome: Verticalização e Toponímia no Centro de Fortaleza (1931 – 1964). **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 14, n. 2, p. 435 – 456, 2024.

SOUZA, A. M. de; DARGEL, A. P. T. P. Caminhos da Toponímia brasileira e a contribuição de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. **Revista GTLex**, v. 6, n. 1, 2020, p. 6-19.

SOUZA, M. A. A. de. **A identidade da metrópole:** A verticalização de São Paulo. São Paulo: Hucitec/Universidade de São Paulo, 1994.

TAVARES, I. F. **Parcerias públicas e privadas e a incorporação imobiliária na orla de Fortaleza-CE.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2022.

VINCENT, A. **Que signifient nos noms de lieux?** Bruxelles: Office de Publicité, 1947 (Collection National).

NOTAS DE AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Gleilson Angelo da Silva - Concepção, Coleta de dados, Análise de dados, Elaboração do manuscrito, revisão e aprovação da versão final do trabalho

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 30-04-2025

Aprovado em: 08-10-2025